

Revisão do espaço literário

(Continuação da 8.ª página)

perência pessoal de três *habitats* lagunares, o escritor cria uma fictícia Gafeira, faz dela um feudo híbrido, desenha-a a traço expressionista com referências surrealistas (as dos peixes que se sepultam no fundo, por exemplo), traz-nos à memória (não sei bem por que laços: os do «condado» fictio, talvez) o Faulkner de uma outra decadência social, mergulha-nos num limbo de imprecisão que, a golpes de escopro nítido, nos remete para um lusco-fusco que aquele autor e Guimarães Rosa, por exemplo, só puderam dar através de um certo barroquismo semântico, — lucifera-nos, enfim, com tudo o que há de luz e de satânico nisso. Recusa a narrativa «coesa», a adesão conceituosa ou estética «imediatas». Impõe a «realização» impossível, porque marginada sempre de elementos ignorados. E dá-nos um livro martelado, oficial, redondo como uma esfera de aço cravada de púas! A crise do delphinato é-o, assim, da escrita também — ou da literatura como «tradição». Ao vermos sucessivas colagens — a pensão, a lagoa, o largo — perpassarem ante nós, somos leitores-câmaras que fixamos imagens não se sabe para que «montagem» ainda. E chegamos ao fim com tudo para refazer: a última página remete-nos à primeira, em leituras que umas às outras se impõem. É este o verdadeiro delphinato, se bem vejo. O que encadeia sucessões de cegos desiludidos da omnisciência seja do que for, mas não do que na própria cegueira é, lúcido e interveniente. Como se tudo fora visto no espelho negro do momento (belíssimo) em que Maria das Mercês, a «dona da Lagoa», se mira na vidraça, à noite, há uma penumbra de tragédia clássica a ausentar de nós os fios do destino, que coros insólitos sublinham: o ladrar dos cães presos, durante a missa; o cheiro a sabão-amarelo, na hospedaria; o girar da nora, ao anoitecer; o fartum a peixe rechinado coroando o fecho do horário de trabalho.

«CA estou» — abre a página inicial, a tal a que a última reenvia. E ocorre a carta de Camões: «cá vivem os homens na mão do mundo». Mas também o remexer de monografias históricas — tão hábilmente sugridas e desmontadas —, o deambular por velharias e anacronismos — as

argolas para muares que circundam o largo, p. ex. —, abrem caminho para outras sugestões ou analogias: que é o Delfim senão um D. Pedro-o-Cru que perdeu a Coroa? e a mulher senão uma D. Inês que só depois de morta foi... adúltera? — O que me remete criticamente, caricaturalmente até, ao passado é distanciamento que incide sobre o presente também: se não é nítida a margem fuurante de que o olho é dela em qualquer caso que o perscruto. Tudo o que abranjo é ou vai sendo um ex —. Do próprio ponto de vista do escritor o é, quando impugna as matrizes gerais ou pessoais da obra pretendida. Questionar o presente é conhecer um tempo morto, pois mal se alcança já passou. Há fábricas que devoram florestas, matanças que escavam a fauna, plásticos e sucedâneos que fazem do cá-estou um cá-estava.

O *Delfim* é, assim, a «estória» para-histórica do delphinato impossível e, não obstante, homólogo daquele de que é procedente e precedente. Não abrange morgadios de bens apenas, mas de costumes, de gestos, de hábitos, de cultura. Ao senhor feudal que dava um lenço vermelho a cada súbdita em que ressarca o *ius* (é latim ou francês?), povoando a região de papoilas embiocadas, segue-se o adúltero-maneta, abstracto e fantasmático que coroa com um elmo-viking de rei-bobo o *pedigree* exsenhorial, se geram entre os reorganizadores (cooperativos?) do direito de caça. Que irão delfinar, não sabemos. Mas que se ex-delfinam é seguro.

Em torno disso, cinza. O remoer baço (mas deslumbrante) de páginas que ampulhetam um quotidiano garro. Desvairos de apocalipse. Lama adesiva sedimentando um discurso que enumera, justapõe, embrica, reduz, pulveriza. E tudo em prosa enxuta, implacável, de narrativa anti-patriarcal. O alvoroço de cinco sentidos baralhados que tecem uma tapeçaria de palavras. Um romance-problema que suspende a crítica num ex-também: o do que só «realizará» em tempo literário tão desprendido deste quanto o da ficção o está da escrita. Livro em que *vamos*, portanto. Optimistas? Pessimistas? — Optimistas-pessimistas, com toda a certeza...

MARIO SACRAMENTO

* O *Delfim*, romance de José Cardoso Pires (Moraes).



Mário Sacramento

Revisão do espaço literário

DISCUTE-SE o como e o porquê da literatura de hoje. Aos que lhe abonam um optimismo formal (ou significativo) opõem-se os que dela colhem um pessimismo de fundo (ou de significado), paradoxo que é o terminus de quantas conjecturas se fazem — e envolve uma rotação de público. É o intelectual de facto, o leitor que visa, o que implica, por um lado, que é relativamente numerosa a sua presença urbana e, por outro, que se reputou falaz a tendência (anterior) para ir ao encontro de outros.

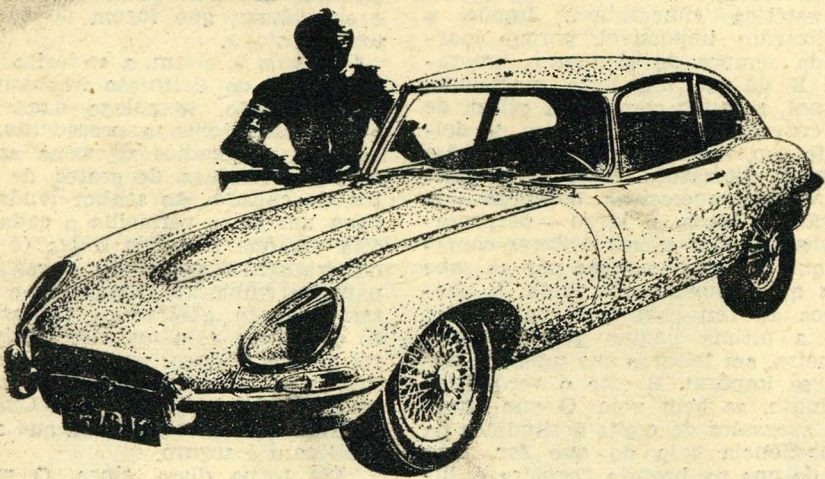
Não obstante, as obras mais vivas são as que problematizam isto mesmo e rompem o casulo dessas limitações. Pressupor um circuito fechado de leitores é condenar-se a um impasse. Ou adaptar-se ao que é extraliterário. Expressi-lo, enfim, sem que se antecipe ou revele o que poderá suceder-lhe. E, todavia, não há leitor sem futuro, ou literatura com projecção neste que não passe pela mediação do hoje com o amanhã. Simplesmente acontece que, conscientes disso, muitos dos nossos autores implicam uma práxis do devir (quem se atreveria já a negá-la?), mas vivem à margem dela. E resulta daí um novo paradoxo (ou será o mesmo?): a consciência da mudança é tão evidente, que a especificidade literária a testemunha sem compartilhar. Há nisto um *Render dos Heróis*, digamos. Ou algo que recorda a frase do Dr. Silveira, nessa obra de Cardoso Pires: «Lá está o senhor convencido de que faz História. Gente como nós assiste a ela, e já não é mau». O falso Cego da peça simboliza o que nos enlela e conduz. O letrado que ostenta é um catavento de incertezas, seja quando diz: *Já fui cego, agora veja*, seja quando anuncia: *Sou cego, mas já vi*.

CRUZANDO este tema com *O Anjo Anorado* e a *Cartilha do Marialva*, chegamos à soleira do romance circular que é *O Delfim**, obra espessa em que vemos e não vemos também — a compasso com o autor. Que não antecipa ou revela, mas contém. E nos obriga a esbracejar na bruma para encontrarmos o corrimão do futuro.

Retenho, antes de tudo, os que vão aos remos deste, sem o saberem: o Cauteloso escarninho e profético, com

lá disso, algo que não sabemos o que é mas comanda os titeres e move com eles o barco. Porque isto anda, com o delfinato que morre. Como, porquê, para onde? Impossível sabê-lo, inútil prevê-lo à escala dum lugarejo. Mas lugarejo que é mundo onde os mitos se desfazem e refazem. Onde a História é um passado confuso e a «estória» um presente opaco. Com a arma prestes para uma caçada que adiará, o escritor revolve a insónia que agora (futuro) descreve. Não está em tempo algum: a sincronia que apreende dia-croniza-se, arrastando-o consigo. A lagartixa que é estilhaço de lápide, imagem inerte e defunta, é afinal um bichinho rabioso: jaz ou serpeia? Jaz e serpeia — é questão de referência. E preciso dormir com o romance, entrar para a dimensão oculta que justapõe página com página, relê-lo portanto até nos impregnarmos dele, para dominarmos esse planar que é voo. José Cardoso Pires não pactua nunca com o standardizado, suprime o supérfluo e giza significações em radiografia, digamos, cujas séries aparentam a secura dum guião cinematográfico, mas têm a acidez dum estilo sempre inovador e tanto mais pessimista como realização formal, quanto mais optimista como amor do real perseguido.

RECORDO a recensão à *Cartilha do Marialva*, aqui publicada, em que apresentei o ensaio como a prefiguração conceptual dum símbolo artístico incriado ainda. Não direi que *O Delfim* se me imponha como a vitória disso. Com ser o mais notável romance dos últimos anos (na medida, até, em que é uma problematização do romance em manchas sucessivas, ora confluentes ora contraditórias) e um soberbo passo no sentido que a *Cartilha* visava, a figura central está ainda muito próxima do escritor para ser o herói negativo que o propósito requer. Mais viva é por isso mesmo, talvez. Mas menos autónoma. Confronte-se, aliás, a *Cartilha* com o que há de ensaístico na insónia do caçador e de pre-fixo na aventura evocativa do escritor, no acto de efabular, e logo se verá que os passos se sucedem sem o salto que os transpõe.



«O Delfim»: contraste histórico em Tempo e Espaço

suas bandas de lotaria litúrgica; os operários - camponeses - e pescadores - de-enguia, derramando campainhadas de bicicleta sobre o odor acre das frituras; as mulheres dos alugados por terras alheias, sombras dum há-de vir intermínio; o padre-novo, que ao certo não o é ainda, e remói escrúpulos entre o cume e a base; o mestiço-maneta, homem para todo o serviço que envolver sofrer e é um terceiro mundo a catalizar a perdição do primeiro; o regedor-reformista, atento às boas regras da cooperação cinegética; a hospedeira-cronista da enxúndia meticulosa e complacente, para quem o passado é uma eternidade que em cada dia se escarola e reveste; e, para

O engenheiro Palma Bravo, filho, neto, bisneto, trineto tetraneto de coutreiros-mores, monta um ginepe do seu tempo — um *Jaguar* — que lhe devora fazenda, honra e progénie, despojando-o de mulheres, criados e descendentes. É um modo de dizer, está claro. Mas ser um modo não tem, por isso mesmo, a singularidade insubstituível do símbolo último. Dizê-lo é procurá-lo ainda, pois o símbolo não é dito, diz-nos. Els-nos assim a remanchar, com o narrador, o que ao longo da noite recorta, cola, baralha. A debilidade é força — levamos no seu encaço. Fundindo a ex-

(Continua na 7.ª página)